

COMPORTAMENTO RECENTE DA FRUTICULTURA NA ÁREA DE ATUAÇÃO DO BNB

MARIA DE FATIMA VIDAL

Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural. ETENE/BNB
fatimavidal@bnb.gov.br

1 INTRODUÇÃO

De acordo com dados da FAO (2017), em 2014 o Brasil foi o terceiro maior produtor mundial de frutas com 37,9 milhões de toneladas, atrás apenas da China e da Índia. No Nordeste brasileiro, apesar das restrições hídricas e de solo do semiárido, a fruticultura também se reveste de elevada importância econômica e social. A Região respondeu em 2015 por 31,4% do valor de produção nacional de frutas; considerando a área de atuação do BNB¹, esse percentual foi de quase 34,0%.

Uma das explicações para o bom desempenho da fruticultura no Nordeste são as condições de luminosidade, temperatura e umidade relativa do ar, que conferem à Região vantagem comparativa em relação ao Sul e Sudeste do País para o cultivo de grande quantidade de culturas.

No entanto, a fruticultura no Nordeste está concentrada nas regiões mais litorâneas que possuem maior umidade e nos polos de irrigação. É ainda baixa a área explorada com fruticultura nas serras úmidas, onde existe elevado potencial para a produção de frutas de clima temperado.

Em termos de valor de produção, destaca-se no Nordeste a fruticultura irrigada. A viabilização da irrigação por meio da implantação de infraestrutura hídrica pelo Governo Federal possibilitou a criação e consolidação de polos de fruticultura no semiárido de Pernambuco, Bahia,

Ceará e Rio Grande do Norte. No entanto, o longo período de chuvas abaixo da média tem comprometido a produção irrigada em grande parte do semiárido. As culturas de sequeiro foram as primeiras a apresentar redução de área e de produção, no entanto, com o agravamento da crise hídrica, o problema se estendeu para os cultivos irrigados.

Apesar da fruticultura irrigada responder por grande parte do valor de produção do setor no Nordeste, existem também, cultivos de sequeiro de relevante impacto para geração de postos de trabalho na Região, a exemplo da cajucultura no Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte e da cacauicultura no Sul da Bahia. Deve-se ressaltar ainda que, devido às restrições hídricas e de solo, um pequeno percentual da área do semiárido é passível de irrigação. Nos perímetros irrigados, os produtores que obtêm maior sucesso são aqueles de maior porte e mais estruturados, pois possuem melhores condições de acesso a conhecimento técnico e de mercado. E na fruticultura de sequeiro predomina o pequeno produtor rural.

As perspectivas para 2017 são de que ocorra aumento de produção de castanha de caju e banana de sequeiro, já que o volume de chuvas foi maior que no ano anterior. Porém, em decorrência do baixo volume de água nos reservatórios, não se espera expansão da área com fruticultura irrigada no Nordeste.

2 ÁREA CULTIVADA

A área total cultivada com fruticultura na jurisdição do BNB foi de aproximadamente 2 milhões de hectares em 2015, considerando cultivos irrigados e de sequeiro.

1 Nordeste, parte de Minas Gerais (Microrregiões: Januária, Janaúba, Salinas, Pirapora, Montes Claros, Grão Mogol, Bocaiuva, Capelinha, Araçuaí, Pedra Azul, Almenara, Teófilo Otoni, Nanuque) e parte do Espírito Santo (Microrregiões: Barra de São Francisco, Nova Venécia, Colatina, Montanha, São Mateus e Linhares).

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Marcos Costa Holanda (Presidente). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe), Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano J. F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Lucas Sousa dos Santos (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Leonardo Dias Lima (Gerente Executivo E. E.), Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico) e Hermano José Pinho (Revisão Vernacular). O [Caderno Setorial](#) do ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo. **Contato:** Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

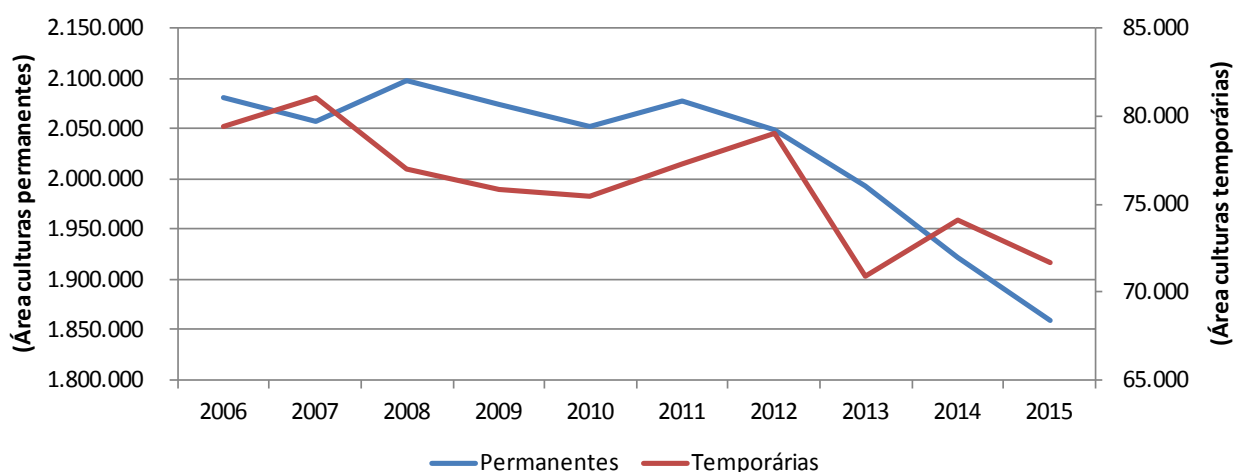
Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

Predomina na área de atuação do BNB o cultivo de fruteiras permanentes, que ocupou 96,3% da área cultivada com fruticultura na Região em 2015. Assim, os cultivos permanentes foram os que sofreram as maiores reduções de área a partir de 2012 (Gráfico 1, Tabela 1). Ao todo, entre 2011 e 2015, a área com fruticultura permanente na área de atuação do BNB foi reduzida em quase 218 mil hectares, o que representou um elevado

prejuízo para os fruticultores.

O longo período de estiagem prejudicou tanto os cultivos de sequeiro, como a cultura do caju, quanto os cultivos irrigados, a exemplo da banana, coco, mamão e goiaba, pois a redução do nível de água nos reservatórios levou a decisão de restrição da disponibilidade hídrica para irrigação em alguns estados, a exemplo do Ceará.

Gráfico 1 - Evolução da área cultivada (hectares) com fruticultura temporária e permanente na área de atuação do BNB entre 2006 e 2015



Fonte: IBGE (2017).

O Piauí foi o estado que teve a maior redução de área com fruticultura entre 2011 e 2015, quando foram perdidos cerca de 85 mil hectares, quase que totalmente de cajueiro. A segunda maior redução de área ocorreu no Rio Grande do Norte (Tabela 1), também decorrente da morte de vastas áreas de cajueirais. Na Bahia, houve grande retração na área com cacau, e em menor proporção, com mamão, manga e maracujá. Em Pernambuco, a redução de área mais expressiva foi na cultura da banana; também ocorreu retração no cultivo de coco. No Ceará, a maior redução de área foi na cultura do caju, mas houve queda no cultivo também de coco, banana e maracujá. Em Sergipe, a cultura da laranja foi a que sofreu maior redução de área.

As culturas temporárias aparentemente sofreram menos com o baixo volume de chuvas na Região, entre 2011 e 2015, com retração de 5.662 hectares (Tabela 1). Houve redução expressiva de área com melancia na Bahia, Pernambuco e Maranhão e de melão no Ceará, mas essa queda foi amenizada pelo aumento da área com melão e melancia no Rio Grande do Norte e com abacaxi em Alagoas.

A Bahia concentra quase 44,0% da área com fruticultura na área de atuação do BNB. Isso se deve, em grande medida, à cultura do cacau que ocupa mais de 500 mil hectares no Estado, existindo ainda na Bahia importantes áreas com fruticultura irrigada. O Ceará possui a segunda maior área explorada com fruticultura na Região, também decorrente da exploração de uma cultura de sequeiro, já que o cajueiro ocupa quase 390 mil hectares no Estado. Juntos, Bahia e Ceará detinham 70,0% da área ocupada

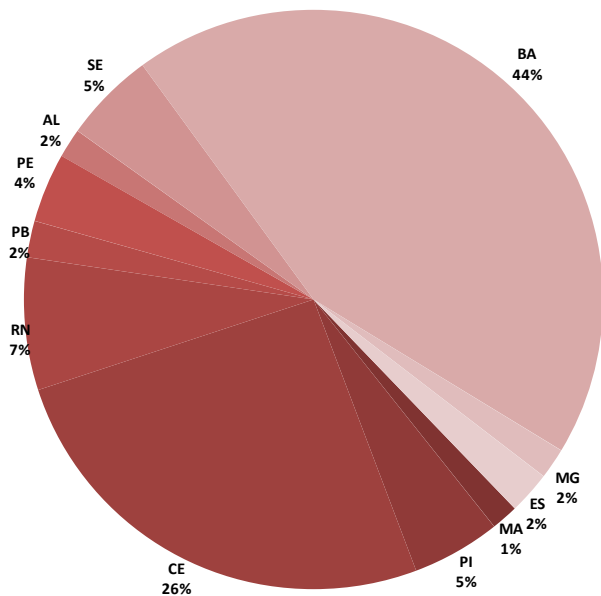
com fruticultura na área de atuação do BNB em 2015 (Gráfico 2).

Tabela 1 - Variação de área ocupada com fruticultura na área de atuação do BNB entre 2011 e 2015 (Em hectares)

Estados	Permanentes	Temporárias	Total
Piauí	-84.592	61	-84.531
Rio Grande do Norte	-35.064	957	-34.107
Bahia	-29.162	-3.344	-32.506
Pernambuco	-26.330	-2.012	-28.342
Ceará	-24.687	-1.535	-26.222
Maranhão	-9.231	-1.782	-11.013
Sergipe	-10.122	-640	-10.762
Paraíba	-6.439	329	-6.110
Alagoas	4.706	2.497	7.203
Norte de Minas	3.648	-284	3.364
Norte do Espírito Santo	-489	91	-398
Total	-217.762	-5.662	-223.424

Fonte: IBGE (2017).

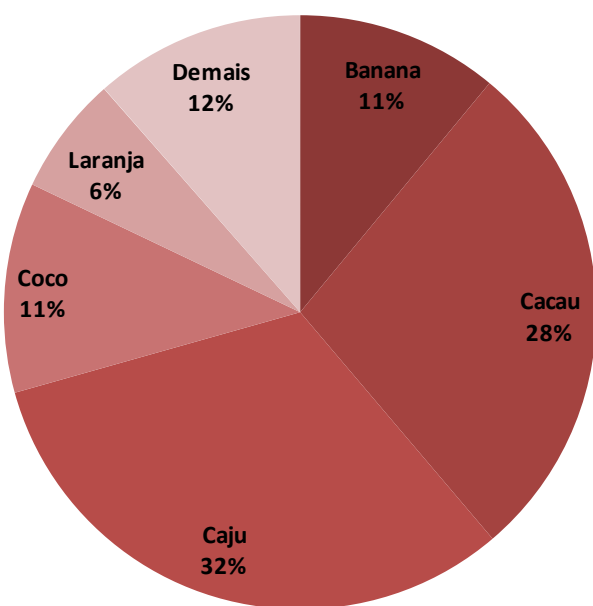
Gráfico 2 – Distribuição percentual da área cultivada com fruticultura na área de atuação do BNB em 2015 por estado



Fonte: IBGE (2017).

Além da concentração espacial, a fruticultura na área de atuação do BNB é pouco diversificada. O cajueiro e o cacau ocupam as maiores áreas, 32,0% e 28,0%, respectivamente, e são cultivados predominantemente sob regime de sequeiro. Existe ainda uma área expressiva ocupada pelas culturas da Banana e do coco, 11,0% cada e da laranja 6,0% (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Participação percentual das principais frutas na área total de fruticultura na área de atuação do BNB em 2015



Fonte: IBGE (2017).

3 VALOR DA PRODUÇÃO

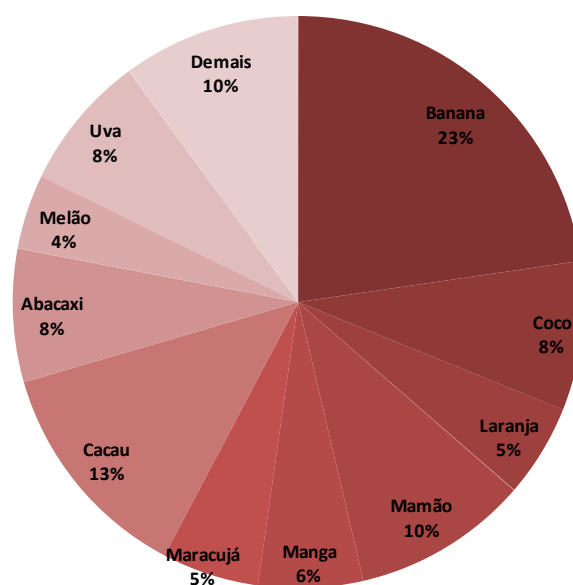
O tamanho da área cultivada nem sempre guarda relação com o valor de produção gerado pela cultura. O cajueiro, por exemplo, que em 2015 ocupou em torno de 32,0% da área com fruticultura no Nordeste respondeu por apenas 2,7% do valor de produção do setor na Região.

Porém, há que se considerar que o cajueiro gera renda no semiárido na época mais seca do ano, quando as fontes de renda no meio rural são extremamente escassas. Um dos fatores que contribuem para o baixo valor de produção da fruticultura é o desperdício do pedúnculo (caju), quase toda a receita gerada pela cultura se deve à comercialização da castanha.

A fruticultura na área de atuação do BNB respondeu em 2015 por 24,0% do valor de produção agrícola da Região. A banana é a principal frutícola explorada na jurisdição do BNB e está presente em todos os Estados. Em 2015 a cultura, sozinha, respondeu por 23,0% do valor de produção da fruticultura na Região; em seguida vem o cacau com 13,0% e depois o mamão com 10,0% (Gráfico 4).

As demais culturas têm menor percentual do valor de produção do setor dentro da Região. Porém, muitas frutas que são pouco expressivas regionalmente, possuem elevada importância para determinados Estados. Assim ocorre com o abacaxi, que respondeu em 2015 por 60,2% do valor de produção da fruticultura da Paraíba, do melão que representou 32,5% do valor de produção do Rio Grande do Norte, da uva em Pernambuco, com 42,0% do valor da produção do setor no Estado e da laranja em Sergipe que respondeu por 40,5% do valor da fruticultura sergipana em 2015.

Gráfico 4 - Participação percentual das principais frutas no valor de produção da fruticultura na área de atuação do BNB em 2015



Fonte: IBGE (2017).

Mesmo após a seca de 2012, o valor de produção da fruticultura na área de atuação do BNB continuou crescendo (Tabela 2). Isso porque o maior percentual do valor de produção da atividade é gerado pela fruticultura irrigada, sendo que até 2015 houve crescimento na

produção de goiaba, uva, melão, coco e abacaxi. Por outro lado, a redução da oferta de algumas frutas resultou na elevação do seu preço, repercutindo positivamente no valor da produção.

Tabela 2 - Evolução do valor de produção de frutas na área de atuação do BNB (Em mil R\$) - (Permanentes e Temporárias)

Estado	2011	2012	2013	2014	2015	2011 a 2015 (%)
Maranhão	119.898	128.727	146.076	141.484	148.285	23,7
Piauí	123.198	93.843	133.797	146.761	179.807	45,9
Ceará	1.001.108	944.870	1.127.405	1.141.961	994.229	-0,7
Rio Grande do Norte	536.117	618.034	690.549	634.864	651.252	21,5
Paraíba	449.840	511.462	551.531	516.012	553.365	23,0
Pernambuco	986.551	1.133.188	1.548.997	1.273.710	1.350.148	36,9
Alagoas	73.262	70.700	91.197	141.737	214.192	192,4
Sergipe	373.426	380.723	446.368	474.018	454.917	21,8
Bahia	3.948.329	3.522.420	3.652.926	4.098.840	4.421.974	12,0
Minas Gerais	566.711	584.455	818.100	742.612	770.886	36,0
Espírito Santo	485.073	501.097	508.587	560.144	510.649	5,3
Total	8.663.513	8.489.519	9.715.533	9.872.143	10.249.704	18,3

Fonte: IBGE (2017).

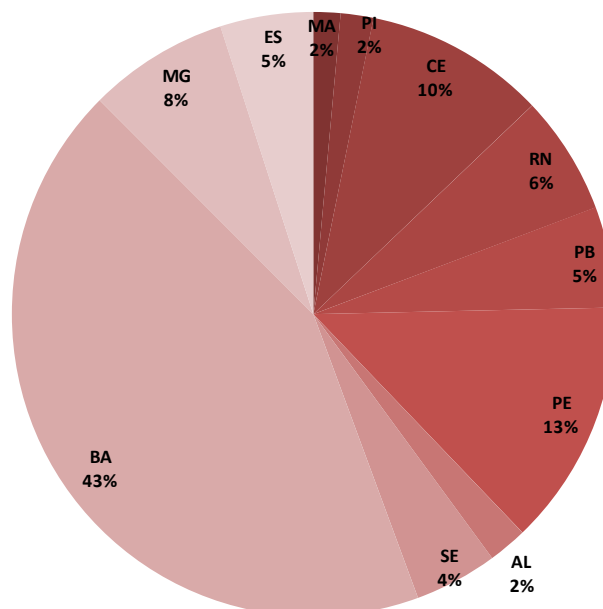
Em 2015, a Bahia concentrou 43,0% do valor de produção da fruticultura² da área de atuação do BNB (Gráfico 5). Contribuem para este fato, a disponibilidade hídrica na Bacia do Rio São Francisco e a grande extensão territorial do Estado. A Bahia destaca-se tanto no plantio irrigado quanto na produção de sequeiro, sendo o maior produtor regional de banana, coco, laranja, mamão, maracujá e melancia. Além de ser responsável por 100,0% da produção de cacau do Nordeste. Pernambuco foi o estado que obteve o segundo maior valor de produção da fruticultura na área de atuação do BNB em 2015.

Em Pernambuco e na Bahia, a fruticultura irrigada se concentra na Bacia do Rio São Francisco. No polo Petrolina-PE/Juazeiro-BA existe um empresariado agrícola detentor de capital e conhecimento, ao qual se atribui em grande medida o desenvolvimento da fruticultura irrigada nessa área. Além dos polos de irrigação na Bahia e Pernambuco, a região hidrográfica do São Francisco contempla também importantes perímetros irrigados em Sergipe, Alagoas e Minas Gerais.

Fora da bacia do São Francisco, o Ceará e o Rio Grande do Norte se destacam na produção de frutas, pois existem nesses estados importantes áreas com infraestrutura para irrigação que são responsáveis por elevada parcela regional da produção de banana, melão, melancia, goiaba, maracujá e coco-da-baía. Estes estados possuem ainda vastas áreas cultivadas com cajueiro. O Rio Grande do Norte é o maior polo produtor nacional de melão e o

Ceará possui a maior área cultivada com cajueiro no País.

Gráfico 5 - Participação percentual dos Estados no valor da produção da fruticultura na área de atuação do BNB em 2015



Fonte: IBGE, (2017).

Paraíba e Sergipe também respondem por um percentual relevante do valor de produção de frutas na área de atuação do BNB. A Paraíba respondeu em 2015 por mais de 43,0% do valor de produção de abacaxi e Sergipe é o segundo maior produtor de laranja da Região.

2 Considerando as culturas que possuem dados disponibilizados pelo IBGE: Abacate, abacaxi, banana, cacau, castanha de caju, coco, goiaba, laranja, limão, mamão, manga, maracujá, melancia, melão, tangerina e uva.

Maranhão e Piauí, apesar do elevado potencial de desenvolvimento da fruticultura irrigada na Bacia do Rio Parnaíba, responderam juntos em 2015 por apenas 3,0% do valor de produção da fruticultura na área de atuação do BNB.

Em Minas Gerais (na área de atuação do BNB), a fruticultura irrigada se tornou o principal segmento agrícola. Parte do avanço e consolidação do setor nessa região se deveu à organização dos produtores.

A principal fruteira cultivada na área de atuação do BNB em Minas é a bananeira, que respondeu em 2015 por 58,3% do valor de produção da fruticultura do Norte de Minas, Jequitinhonha e Vale do Mucuri. A bananicultura nessa região é conduzida em sistema irrigado, os plantios se concentram nas microrregiões de Janaúba e Janaúria, onde se localizam os perímetros de irrigação Jaíba, Lagoa Grande e Gortuba.

A maioria dos produtores de banana da Região é de porte médio, muitos pequenos bananicultores migraram para outras culturas irrigadas menos exigentes em capital. Vale destacar ainda o cultivo do limão e da manga, que foram em 2015 responsáveis por 10,0% e 9,0%, respectivamente, do valor de produção da fruticultura na área de atuação do BNB em Minas.

No Espírito Santo, a principal frutícola explorada, em termos de valor de produção é o mamão. Em 2015, o Estado respondeu por cerca de 24,0% da produção nacional da fruta e quase toda a área (98,0%) com mamão do Estado está localizada nas microrregiões de Nova Venécia, Montanha, São Mateus e Linhares, que compõem a área de atuação do BNB no Espírito Santo. O Estado respondeu ainda por 34,5% das exportações da fruta do País em 2016. O emprego de tecnologia, juntamente com as boas condições de clima e solo, confere ao Espírito Santo a mais alta produtividade de mamão do Brasil.

No entanto, a produção de mamão no Estado tem apresentado contínua tendência de queda. Entre 2006 e 2015, o volume de mamão produzido no Estado caiu 53,0%. Até 2013, a queda da produção foi resultado da redução da área. Nesse período, foram contabilizados cerca de 3.600 hectares a menos ocupados com a cultura no Estado. A redução da área de mamão no Espírito Santo é atribuída à convergência de diversos fatores, dentre os quais podem ser citados: queda na rentabilidade da fruta devido ao câmbio desfavorável; incentivos governamentais para diversificação da fruticultura no Estado, a exemplo da distribuição de mudas; crise financeira mundial em 2008, que afetou negativamente as exportações de frutas de todo o País e incidência severa do mosaico do mamoeiro, doença que reduz a quantidade e diminui a qualidade dos frutos (REETZ et al., 2009; p. 35; POLL et al., 2013, p. 63).

A partir de 2014, a área plantada com a cultura voltou a crescer, no entanto, os pomares passaram a apresentar queda expressiva na produtividade em decorrência da restrição hídrica. Mesmo assim, em 2015 o mamão respondeu por 52,1% do valor de produção total da fruticultura no Espírito Santo.

O coco é a segunda cultura mais importante na área de

atuação do BNB no Espírito Santo. Em 2015, a produção de coco foi responsável por 14,0% do valor de produção total da fruticultura nessa área. Outras culturas importantes na jurisdição do BNB no Espírito Santo, em termos de valor de produção, foram maracujá (9,9%), banana (9,3%) e cacau (8,2%).

Apesar dos esforços de diversos órgãos estaduais em diversificar os cultivos na Região, as demais fruteiras merecem pouco destaque na área de atuação do BNB no Espírito Santo.

4 PERSPECTIVAS DE PRODUÇÃO

Dada a restrição hídrica, as perspectivas para produção de frutas para 2017 no Nordeste não são muito animadoras. A situação é mais crítica para os cultivos permanentes, pois já ocorreram mortes de pomares na região, por falta de água.

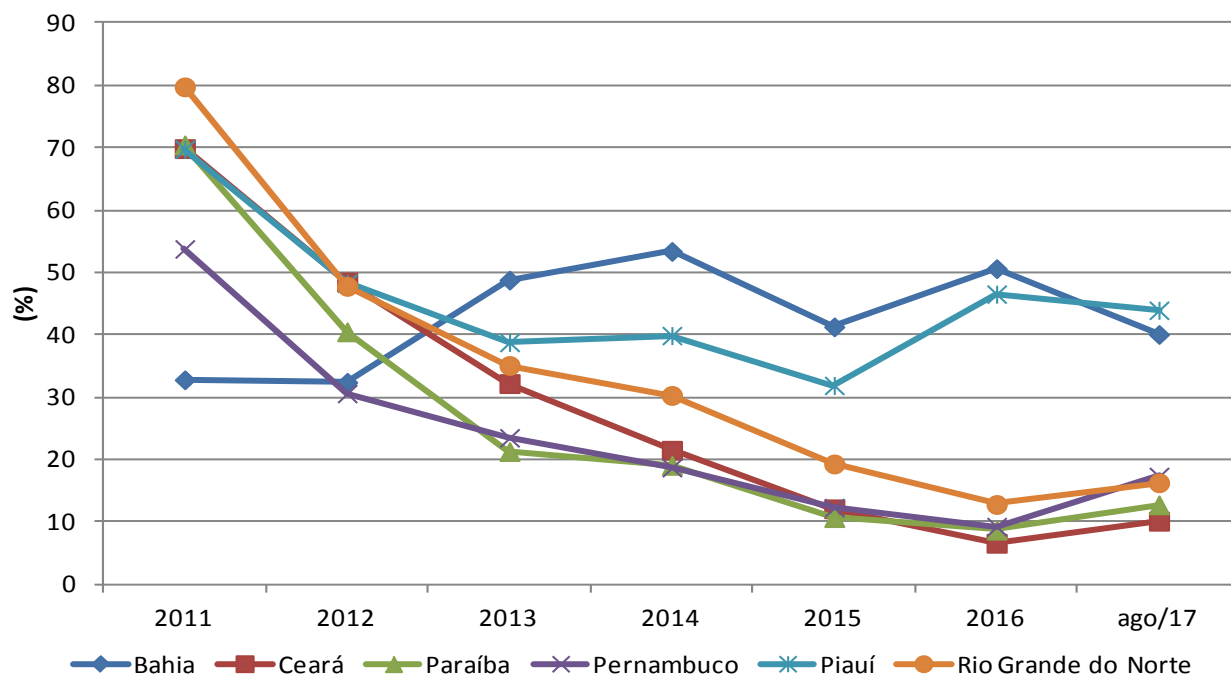
Em agosto de 2017, após o final do período chuvoso na maioria dos estados nordestinos, os açudes do Ceará, Paraíba e Pernambuco estavam com menos de 20,0% da sua capacidade total de armazenamento (Gráfico 6).

Vale salientar que a principal fonte hídrica dos perímetros irrigados administrados pelo DNOSC são os açudes e que, em agosto de 2017, grande parte deles estava com menos de 10,0% de volume de água armazenada (Quadro 1), evidenciando a dificuldade desses perímetros em continuar produzindo.

De acordo com a ONS (2017a), em agosto de 2017, os reservatórios do Sistema Interligado Nacional³ do Nordeste também estavam com baixo volume de água armazenado. Sobradinho e Itaparica na Bahia estavam com 8,8% e 15,7%, respectivamente, da capacidade total de armazenamento.

³ Sistema de produção e transmissão de energia elétrica do Brasil. É um sistema hidro-termo-eólico de grande porte, com predominância de usinas hidrelétricas (ONS, 2017b).

Gráfico 6 - Percentual de água armazenada em reservatórios no Nordeste por estado (dezembro de 2011 a julho de 2017)



Fonte: ANA/SAR (2017).

Obs: O gráfico não contabiliza os volumes armazenados nos reservatórios do Sistema Interligado Nacional (Sobradinho e Itaparica).

Quadro 1 - Percentual do nível de água dos reservatórios que são fontes hídricas para os perímetros irrigados administrados pelo DNOCS (Posição 25/08/2017)

UF	Perímetro	Reservatório	(%)	UF	Perímetro	Reservatório	(%)
Bahia	Brumado	Brumado	21,76	Ceará	Araras Norte	Araras	12,72
	Jacuri	Jacuri	55,14		Ayres de Souza	Jaibaras	63,88
	Vaza-Baris	Cocorobó	47,84		Baixo Acaraú	Araras	12,72
Paraíba	Engenheiro Arcoverde	Engenheiro Arcoverde (2)	15,41			General Sampaio	23,98
	São Gonçalo	Engenheiro Ávidos (Piranhass)	4,81		Curu Paraipaba	Pereira de Miranda	2,06
		São Gonçalo	22,83			Frios	2,79
	Sumé	Sumé	12,04			Caxitoré	8,54
Pernambuco	Boa Vista	Boa Vista	5,1		Curu Pentecoste	General Sampaio	23,98
	Cachoeira II	Cachoeira II	5,82			Pereira de Miranda	2,06
	Custódia	Custódia	4,93		Ema	Ema	1,35
	Moxotó	Poço da Cruz (Eng. Francisco Saboia)	2,16		Forquilha	Forquilha	17,57
Rio Grande do Norte	Baixo Açú	Açú	16,22		Icó-Lima Campos	Lima Campos	6,6
	Cruzeta	Cruzeta	0,32			Orós	9,02
	Itans	Itans	1,08		Jaguaribe Apodi	Castanhão	4,56
	Pau dos Ferros	Pau dos Ferros	Seco		Jaguaruana	Orós	9,02
	Sabugi	Sabugi	12,74		Banabuiú	0,68	
				Morada Nova	Banabuiú	0,68	
					Pedras Brancas	7,7	
				Quixabinha	Quixabinha	2,49	
					Banabuiú	0,68	
				Tabuleiro de Russas	Pedras Brancas	7,7	
					Castanhão	4,56	
				Varzea do Boi	Varzea do Boi	1,19	

Fonte: DNOCS (2012), ANA/SAR (2017).

Por meio da Figura 1, pode-se observar que grande parte do território nordestino continua sob condições climáticas muito adversas. Em agosto de 2017, o monitor das secas mostrava que uma pequena parte do Nordeste encontrava-se sem seca relativa.

Grande parte da Bahia estava em situação de seca excepcional e seca extrema, o Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco também estavam com grande percentual de seus territórios sob condições extremas de seca, o que juntamente com o baixo nível de água armazenada nos

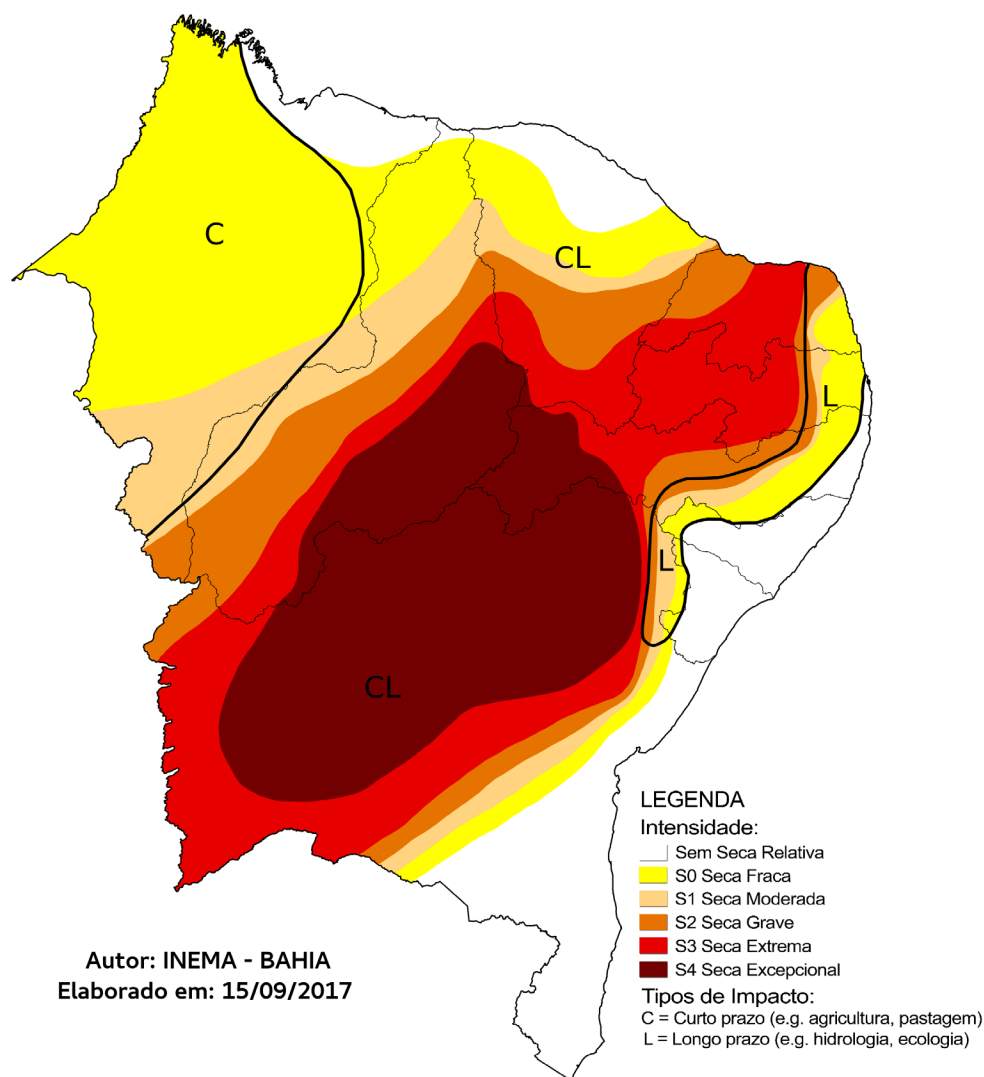
reservatórios e a escassez hídrica também na bacia do São Francisco, deverá resultar numa menor área cultivada com fruticultura de sequeiro e irrigada.

No Rio Grande do Norte, existe uma condição um pouco mais favorável para a fruticultura irrigada, já que ainda existem condições de utilização de água de poço.

No Ceará, apenas as messorregiões Noroeste e Norte saíram da condição de seca; essa situação deverá ter efeito positivo na produção de castanha de caju em 2017.

Figura 1 – Monitor de secas agosto/2017

Monitor de Secas Agosto/2017



Mesmo na Bacia do Rio São Francisco, a situação é de escassez hídrica. Dada a gravidade da situação e das incertezas com relação ao comportamento do próximo período chuvoso, a Agência Nacional das Águas (ANA) adotou por meio da Resolução nº 1.043 de 19 de junho de 2017, uma medida de restrição de uso para captações em corpos d'água superficiais perenes de domínio da União na Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco, que ainda não estejam submetidas a outras "regras de restrição de uso mais restritivas". A Resolução estabelece que nas quartas-feiras (Dia do Rio) ficam suspensas todas as captações, exceto para consumo humano e dessedentação animal, bem como as aplicações de água para irrigação. O Dia do Rio acontecerá até 30 de novembro, porém, poderá ser prorrogado caso o período chuvoso atrase na bacia do São Francisco.

Figura 2 - Corpos d'água da bacia do rio São Francisco submetidos ao Dia do Rio



Fonte: ANA (2017). Resolução nº 1.043, de 19 de junho de 2017.

Com relação às estimativas de produção e evolução de área, são poucos os dados disponíveis. O IBGE divulga

estimativas para poucas frutícolas (banana, coco, laranja, cacau e castanha de caju).

De acordo com os dados do LSPA (2017), em 2016 a produção de castanha de caju continuou em declínio. No Piauí, a queda foi de (-12,3%), no Ceará (-40,6%) e no Rio Grande do Norte (-18,7%) em relação a 2015. Para a safra 2017, em consequência do maior volume de chuvas, espera-se que a produção de castanha de caju no Nordeste comece a se recuperar. No Piauí, as expectativas são de crescimento de 151,5%, para o Rio Grande do Norte e Ceará, a produção deverá ser 37,1% e 20,5% superior a 2016, nesta ordem.

Para a cultura da laranja em Sergipe, 2016 também foi um ano de queda na produção (-11,5%), para 2017 não deve ocorrer variação da produção. Na Bahia, as

perspectivas para a cultura são mais otimistas; em 2016 houve crescimento de 2,4% em relação ao ano anterior e espera-se um aumento de 11,0% em 2017.

Para o coco, os dados do LSPA mostram desempenho positivo da produção em 2016 no Ceará e em Pernambuco. Porém, para 2017 deverá ocorrer uma queda expressiva na produção de coco nesses estados (-13,6%) e (-27,9%), respectivamente. Na Bahia, a situação foi inversa, a cultura sofreu uma queda de produção de 30,2% em 2016 e espera-se uma recuperação, embora pequena (3,8%) em 2017.

Com relação à banana, uma das principais frutícolas cultivadas na área de atuação do BNB, houve redução da produção em 2016 no Ceará e Rio Grande do Norte de (-15,8%) e (-2,7%), respectivamente. Para 2017, espera-se que a produção nesses estados volte a crescer, 8,5% no Ceará e 41,1% no Rio Grande do Norte. No Ceará, este crescimento será decorrente principalmente dos cultivos de sequeiro como os existentes nos municípios de Baturité e Mulungu, tendo em vista que não há água nos açudes para aumentar a produção irrigada.

Na bacia do São Francisco, a situação foi inversa; em 2016 houve crescimento da produção de banana em Pernambuco e na Bahia e para 2017 espera-se redução de (-17,1%) e (-4,9%), nesta ordem, em decorrência do agravamento da crise hídrica na Região.

Para o cacau, os dados do LSPA mostram que a cultura teve uma queda de produção de (-24,2%) em 2016 comparada ao ano anterior. Para 2017 espera-se nova retração da produção (-9,6%), o principal motivo para o desempenho negativo da cultura deverá ser a queda da produtividade.

Com relação à cultura do melão, em

decorrência da restrição de água na Bacia do Rio Jaguaribe no Ceará, o plantio tem sido deslocado para o Rio Grande do Norte, onde ainda existe possibilidade de realização da irrigação com água de poços tubulares. Porém, os irrigantes do Rio Grande do Norte também enfrentam sérios problemas com relação à água. Devido à escassez de chuvas nos últimos anos, a reposição dos estoques de água subterrânea tem sido muito baixa; esse fato aliado com a superexploração do lençol freático está secando os poços. Além disso, está ocorrendo salinização da água dos poços em algumas regiões, o que pode prejudicar a produtividade e exige muita atenção no manejo da irrigação com vista a evitar salinização do solo.

5 COMERCIALIZAÇÃO

5.1 mercado interno

A maior parte da produção nordestina de frutas é consumida no mercado interno; apenas uma pequena parcela é exportada. Assim, grande percentual de frutas produzido na área de atuação do BNB é comercializado para intermediários que distribuem os produtos para as agroindústrias e rede atacadista e varejista de frutas.

O intermediário é um ator importante principalmente para o pequeno fruticultor por viabilizar o escoamento da produção, no entanto, Santos et. al. (2007) alertaram que existem constantes conflitos entre o produtor e o intermediário que vão desde a formação dos preços, passando pela formas de pagamento até a ausência de fidelização do produtor ao intermediário.

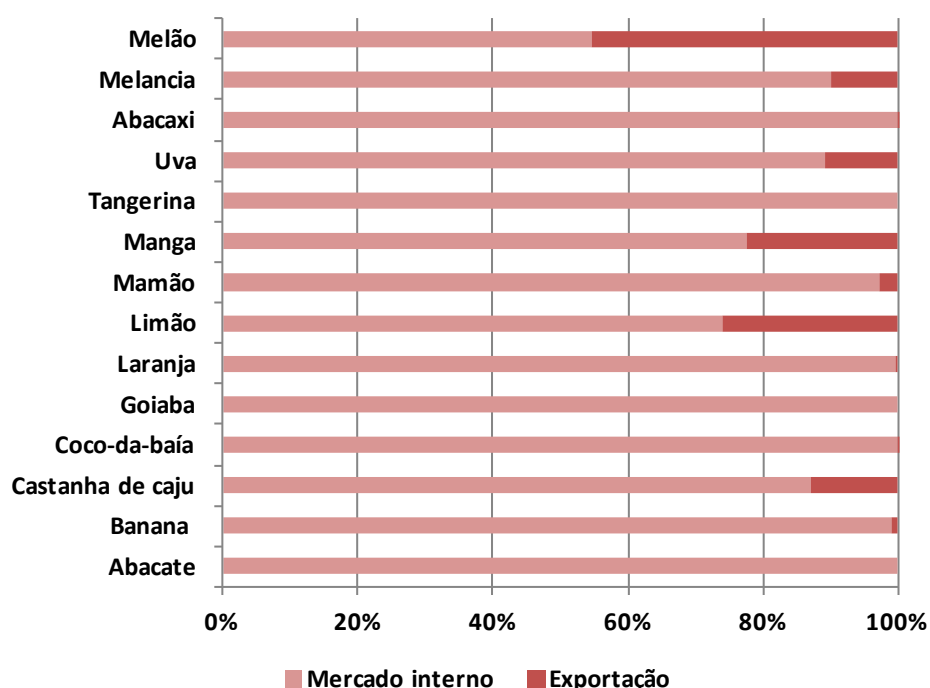
É baixa, na área de atuação do BNB, a comercialização de frutas diretamente para as agroindústrias, além disso, predomina no mercado interno o consumo de frutas *in natura*. De acordo com Santos et al. (2008), as agroindústrias do Nordeste estão relacionadas principalmente ao beneficiamento de castanha de caju à produção de sucos de caju, abacaxi, maracujá e laranja, a produção de polpas de frutas e à atividade de *packing house* para manga, uva de mesa, limão, melão e banana. Também é importante na Região a fabricação de vinhos no Vale do São Francisco, o processamento do coco em Alagoas, Ceará e Paraíba e o beneficiamento do cacau na Bahia.

5.2 Mercado externo

O melão, o limão e a manga foram as frutas com maior percentual da produção exportada 45,0%, 26,0% e 22,0% respectivamente, em 2015. Apenas 13,0% da produção regional da castanha de caju, 11,0% da uva e 10,0% da melancia foi enviada ao mercado externo em 2015 (Gráfico 7).

No Espírito Santo e em Minas Gerais, o cenário é o mesmo, apenas pequeno percentual da produção de limão mineiro (2,6%) e de mamão do Espírito Santo (3,3%) foi exportado em 2015.

Gráfico 7 - Percentual da produção nordestina de frutas exportada e destinada ao mercado interno em 2015



Fonte: SECEX/MDIC (2017), IBGE (2017).

Diversos fatores podem ser apontados como causa desse baixo desempenho das exportações de frutas da área de atuação do BNB, dentre os quais: barreiras comerciais e fitossanitárias, falta de padronização dos produtos e baixo nível de conhecimento por parte do produtor para exportar. O acesso ao mercado externo exige do setor elevada eficiência operacional que garanta a regularidade da oferta e a qualidade dos produtos, de forma a atender as exigências do mercado.

Há também que se levar em consideração que o comércio internacional de frutas frescas é dominado por poderosas companhias de comercialização (*trading companies*), que possuem eficientes estruturas de pós-colheita, armazenagem e distribuição e que possuem amplo conhecimento e poder de mercado. Por outro lado, o mercado interno é extenso e pouco exigente; dessa forma, o pequeno e médio produtores não são motivados

a exportar.

Além de um pequeno percentual das frutas serem envidas ao exterior, as exportações nordestinas de frutas estão fortemente concentradas. Melão, manga, castanha de caju e uva foram responsáveis por cerca de 80,0% do total do valor das exportações de frutas do Nordeste em 2016. Além disso, quase toda a exportação de frutas da Região (98,5% do valor exportado e 98,9% do volume) é realizada pelo Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia e Pernambuco (Gráfico 8). Isso porque são nesses Estados onde se localizam as mais importantes áreas irrigadas do Nordeste.

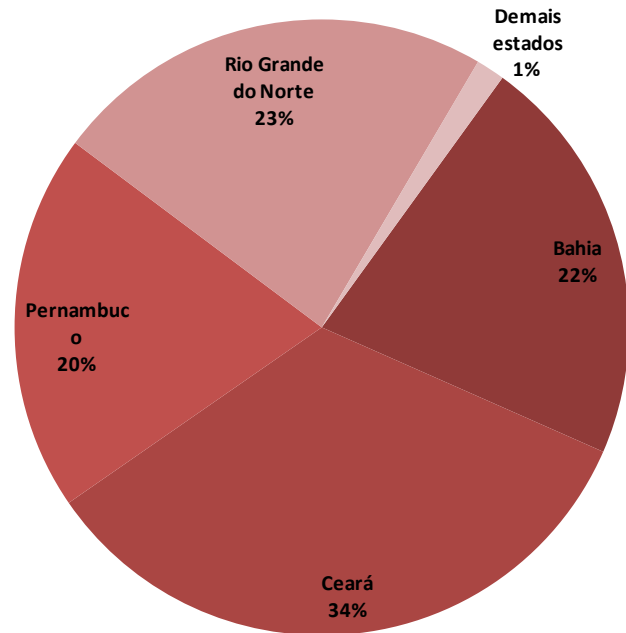
Os Estados da Bahia e Pernambuco concentram as exportações nordestinas de manga e uva. O Ceará e Rio Grande do Norte respondem pelas exportações de melão e castanha de caju.

Em 2016, a fruticultura nordestina gerou US\$ 613,9 milhões em divisas, valor 2,7% superior a 2015.

As exportações de castanha de caju tiveram desempenho negativo entre 2012 e 2015, (Gráfico 9) decorrente principalmente da redução da oferta provocada pelo longo período de severa estiagem. A baixa produção da castanha de caju nesse período afetou seriamente as indústrias de beneficiamento, por falta de matéria-prima, prejudicando as exportações. Porém, em 2016, as exportações de castanha de caju voltaram a apresentar desempenho positivo; com 26,2% superior a 2015 em termos de valor.

Com relação à cultura da uva observa-se que a fruta perdeu mercado nos últimos anos (Gráfico 9). Entre 2008

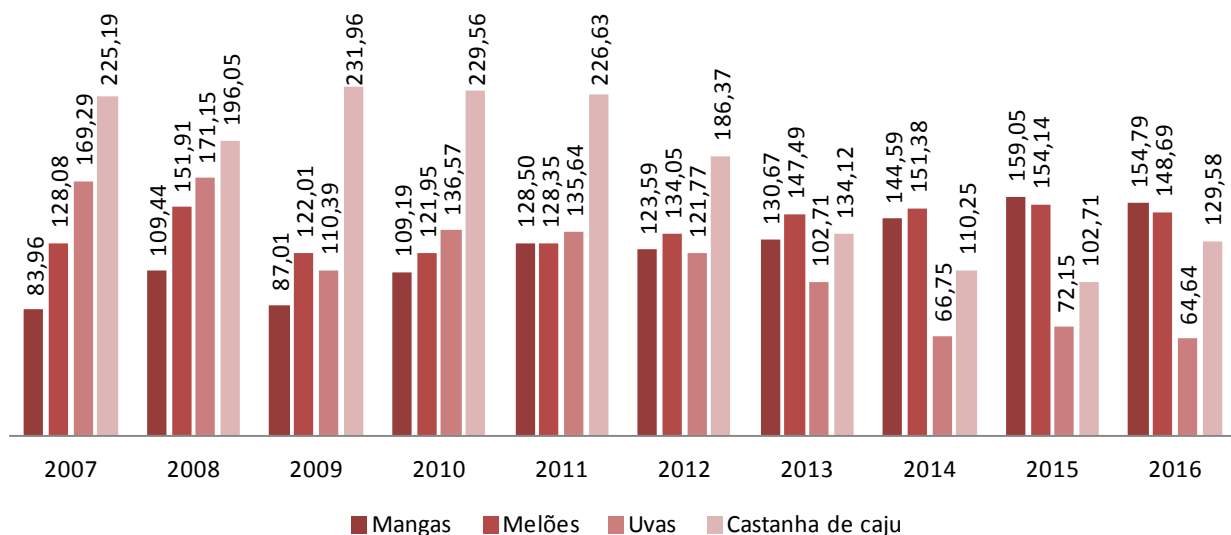
Gráfico 8 - Participação percentual dos estados no valor das exportações nordestinas de frutas em 2016



Fonte: SECEX/MDIC (2017).

e 2015, a queda no valor das exportações da fruta foi de quase 60,0%. Dentre os principais motivos destacam-se a crise econômica mundial a partir de 2008 e a perda de competitividade do Brasil frente ao ingresso de outros países produtores no mercado (POLL et, al. 2013, p 75).

Gráfico 9 - Valor (milhões de US\$) das exportações nordestinas de manga, melão, castanha de caju e uva entre 2007 e 2016



Fonte: SECEX/MDIC (2017).

Por outro lado, as exportações de melão e de manga tiveram comportamento positivo entre 2012 e 2016. O melão, por ser uma cultura temporária irrigada, foi uma das que menos sofreu com a seca; no Ceará, a área com a cultura só foi reduzida de forma expressiva a partir de 2015 com o agravamento da crise hídrica no Estado. No

Rio Grande do Norte, onde a principal fonte hídrica para a irrigação da cultura são poços, houve crescimento da área e da produção no período.

Com relação à manga, apesar da redução da produção, as exportações da fruta continuam firmes; um dos motivos é a elevada qualidade do produto exportado.

Em fevereiro de 2017, o Ministério da Agricultura Pecuária e do Abastecimento recebeu comunicado de que estão vigentes os requisitos fitossanitários para exportação de manga do Brasil para a Coreia do Sul, um dos países mais exigentes em relação à sanidade e qualidade dos alimentos. A abertura do mercado Sul Coreano à manga brasileira deverá alavancar as exportações da fruta produzida no Vale do São Francisco.

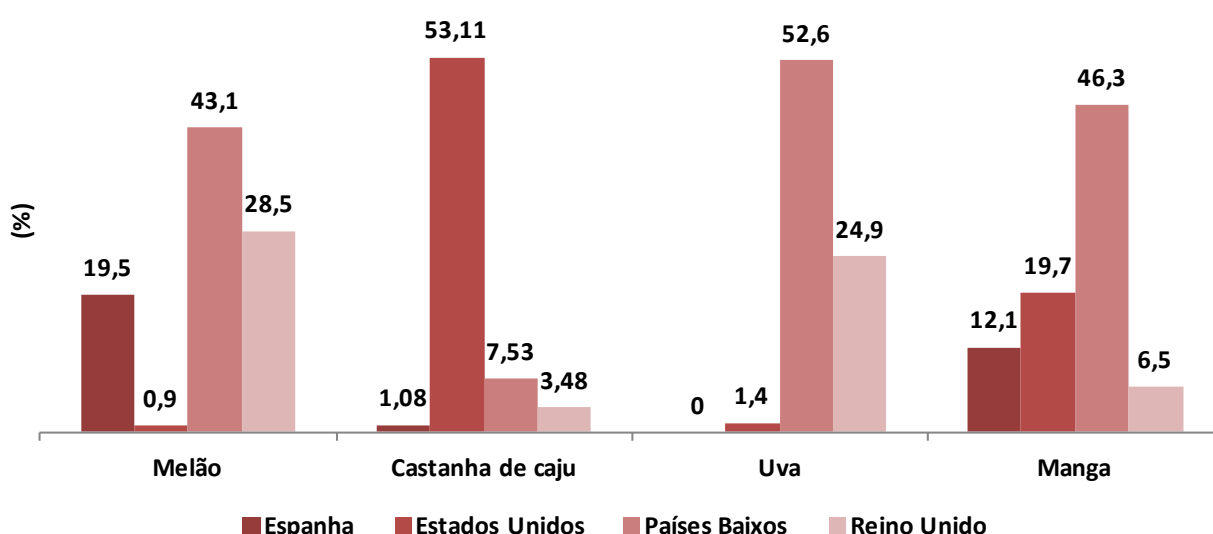
A Holanda (Países Baixos) é o principal destino das exportações nordestinas de frutas frescas. Em 2016, este País recebeu 43,0% do volume total exportado de melão, 52,6% da uva e 46,3% da manga (Gráfico 10). O porto de Rotterdam na Holanda é o principal complexo de cargas da Europa, funcionando como um polo de distribuição de

mercadorias, pois sua área de influência abrange diversos países europeus como a Bélgica, Luxemburgo, França (Leste), Alemanha, Suíça, Áustria e Itália (Norte) (COSTA, 2008).

O Reino Unido, por sua vez, recebeu em 2016, expressivo percentual das exportações nordestinas de uva (24,9%) e melão (28,5%). A Espanha é o terceiro destino mais importante para frutas frescas do Nordeste. Em 2016, recebeu 19,5% e 12,1% do volume exportado de melão e manga, nesta ordem.

Já os Estados Unidos são o principal importador de castanha de caju do Brasil (53,1%), sendo também importante destino para a manga (19,7%) (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Principais destinos das exportações nordestinas de manga, melão, castanha de caju e uva em 2016



Fonte: SECEX/MDIC (2017).

As importações nordestinas de frutas são pouco relevantes. Em 2016, a Região teve dispêndio de US\$ 72,5 milhões com importação de frutas incluindo castanhas e nozes e, no mesmo período, o faturamento com as exportações de frutas foi de US\$ 613,9 milhões. As principais frutas frescas importadas são maçã (18,1% do valor total), pera (12,3%) e uva (7,7%).

Em 2016, a importação de castanha de caju representou 21,6% do valor total das importações nordestinas de frutas. O principal País de origem do produto tem sido a Costa do Marfim.

5.3 Exportações de suco de frutas

O Brasil é o maior produtor e exportador mundial de suco de laranja; segundo dados do USDA (2017), o País é responsável por quase 65% da produção mundial e detém 78,0% do mercado. A União Europeia e os Estados Unidos são os maiores consumidores de suco de laranja.

No Nordeste brasileiro o faturamento total com as exportações de suco de frutas em 2016 foi da ordem de US\$ 166,6 milhões. Sergipe é o maior exportador nordestino de

suco de frutas, sendo responsável pela quase totalidade das exportações de suco de laranja e abacaxi da Região.

O suco de laranja representou, em 2016, 35,0% do volume total de sucos exportados pela Região, com faturamento de US\$ 56,5 milhões. O suco de abacaxi teve uma participação menos expressiva, porém, tem apresentado um elevado crescimento nos últimos anos. Em 2016 esse produto gerou US\$ 16,2 milhões em divisas.

6 GERAÇÃO DE EMPREGOS⁴

A fruticultura se destaca como importante geradora de empregos formais no setor rural nordestino. Beneficiada pela boa oferta de mão de obra, condições ambientais e financiamento constitucional, o segmento de frutas de lavouras permanentes teve taxa geométrica de crescimento anual 3,4% a.a. na quantidade de empregos formais diretos no período compreendido entre 2010 e 2015, apesar da seca.

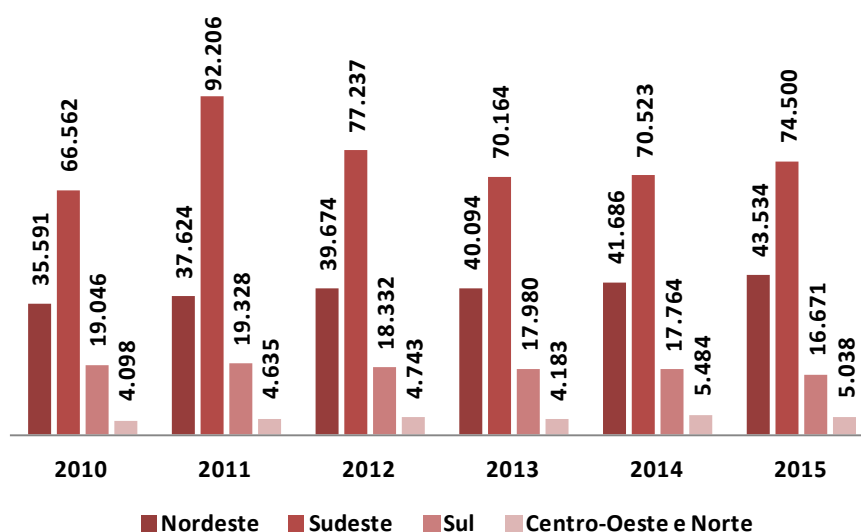
⁴ Foram usados os dados da Produção Agrícola Municipal - PAM (IBGE, 2016) e da Relação Anual de Informações Sociais (MTE, 2016) referentes aos anos de 2014 e de 2015, respectivamente.

Ao final de 2015, o segmento da fruticultura nordestina empregava mais de 43 mil trabalhadores, 31,2% do total empregado no setor no Brasil.

No Nordeste, dentre as atividades da fruticultura mais intensivas em mão de obra está o cultivo de uva, que concentrou 38,1% dos empregos diretos gerados pela fruticultura na Região em 2015.

De um total de 19,5 mil contratos no Brasil em 2015 para o cultivo da uva, 85,0% estavam no Nordeste, com destaque para Pernambuco e Bahia. Esses dois estados foram responsáveis por mais de 21,0% da produção nacional, cerca de 315 mil toneladas em 2015.

Gráfico 11 - Quantidade de contratos de trabalho para o cultivo de frutas de lavouras permanentes, no período de 2010 a 2015



Fonte: Adaptado de dados da Relação Anual de Informações Sociais - RAIS (MTE, 2017).

Importante destacar que o maior produtor nacional de uva é o Rio Grande do Sul, 876 mil toneladas (58,5% da produção nacional), mas a atividade é predominantemente familiar neste Estado, motivo pelo qual apenas 3,2% dos trabalhadores formais do País para o cultivo da uva estão no Rio Grande do Sul.

No vale do São Francisco, região que responde por 99,0% da produção total de uvas do Nordeste, sendo 74,6% em Pernambuco e 24,3% na Bahia, a atividade emprega formalmente 1,7 pessoas por hectares. Devido às condições climáticas favoráveis e o uso de tecnologia, a produtividade em Pernambuco é de 34,8 toneladas/ha, enquanto que no Rio Grande do Sul é de 17,6 toneladas/ha.

No cultivo da laranja, os empregos formais estão concentrados no Sudeste. Em 2015, São Paulo detinha 85,6% dos trabalhadores do País e no Nordeste existiam apenas 3,2% dos contratos.

Dentro do Nordeste, os empregos gerados pelo cultivo da laranja estão concentrados quase que totalmente na Bahia e em Sergipe, que detinham 58,2% e 39,7%, respectivamente, dos contratos formais para a cultura na Região em 2015.

Entre 2010 e 2015, não foi observada grande variação no número de empregos formais na fruticultura nordestina (Gráfico 11), fato que pode ter se alterado com o agravamento da crise hídrica na Região, pois grande parte dos empregos formais é gerado pela fruticultura irrigada que tem enfrentado dificuldades de produção nos últimos dois anos devido à escassez de água nos reservatórios e até mesmo na Bacia do Rio São Francisco.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à grande extensão territorial e às diferentes condições climáticas, a área de atuação do BNB possui elevado potencial de cultivo de grande número de espécies frutícolas. No entanto, a atividade nessa região é concentrada espacialmente e pouco diversificada. Além disso, quase toda a produção é destinada ao mercado interno.

A fruticultura irrigada responde pela maior parte de valor de produção do setor, o cajueiro e o cacau cultivados sob regime de sequeiro são as culturas que ocupam as maiores áreas na Região, no entanto, sob o ponto de vista econômico, possuem eficiência muito baixa. Por outro lado, essas culturas são de elevada relevância social.

De uma forma geral, a fruticultura na área de atuação do BNB é importante na geração de empregos diretos e indiretos no segmento patronal e na geração de postos de trabalho e de renda para a agricultura familiar.

Mesmo diante da seca ocorrida a partir de 2012, com exceção do Ceará, não houve redução do valor de produção da fruticultura na área de atuação do BNB até 2015, isso porque as lavouras irrigadas são as que possuem maior valor de mercado, no entanto, esta situação pode ter se alterado nos anos seguintes por conta do agravamento da crise hídrica na Região que inviabilizou a irrigação em muitas regiões.

Apesar de não ter ocorrido redução no valor de produção, a longa estiagem pela qual passa o Nordeste desde 2012 provocou a morte de cajueirais mais antigos

que são cultivados sob regime de sequeiro e de outras culturas perenes também nos perímetros irrigados. Mesmo que as condições de chuvas sejam favoráveis nos próximos anos, a recuperação das áreas com culturas permanentes deve ser lenta, tendo em vista o elevado custo de implantação e a necessidade de um período de tempo relativamente longo para os cultivos permanentes começarem a produzir.

Dada a restrição hídrica em grande parte da área de atuação do BNB, e as incertezas com relação ao comportamento do próximo período chuvoso, não é recomendável, no ano atual, a implantação de cultivos permanentes de sequeiro e de culturas irrigadas em áreas que tenham os reservatórios como principais fontes hídricas. No entanto, é importante o apoio creditício para a manutenção dos pomares já existentes de culturas permanentes, com vistas a minimizar a morte das plantas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DAS ÁGUAS/SISTEMA DE ACOMPANHAMENTO DE RESERVATÓRIOS. ANA/SAR. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://sar.ana.gov.br/Nordeste>>. Acesso em: 31 de ago. 2017.

COSTA, M. B. B. da. **Documento setorial: Portos e Hidrovias. Sistema produtivo 02. Perspectiva de investimento em transporte.** Instituto de Economia da UFRJ/Instituto de Economia da UNICAMP. Nov. 2008. Disponível em: <https://www3.eco.unicamp.br/neit/images/stories/arquivos/ds_transportes_portos.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Produção agrícola municipal.** Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp?o=27&i=P>>. Acesso em: 11 de jul. 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO. FAO. FAOSTAT. Divisão de estatística. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/download/Q/QC/E>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

POLL, H. **Anuário brasileiro da fruticultura 2013.** Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2013. 136p.

REETZ, E. R.; et al. **Anuário brasileiro da fruticultura, 2009.** Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2009. 128p.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. MTE. Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Base de dados. Disponível em: <<http://pdet.mte.gov.br/acesso-online-as-bases-de-dados>>. Acesso em: 22 de ago. 2017.

OPERADOR NACIONAL DO SISTEMA ELÉTRICO. ONS. Situação dos Principais Reservatórios do Brasil - 17/08/2017. Disponível em: <<http://ons.org.br/pt/paginas/energia-agora/reservatorios>>. Acesso em: 18 ago. 2017a.

OPERADOR NACIONAL DO SISTEMA ELÉTRICO. ONS. O que é o SIN - Sistema Interligado Nacional. Disponível em: <<http://ons.org.br/pt/paginas/sobre-o-sin/o-que-e-o-sin>>. Acesso em: 18 ago. 2017b.

SANTOS, J. A. N. dos; et al. **Fruticultura nordestina: desempenho recente e possibilidades de políticas.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. 304 p.: (Série documentos do ETENE, 15).

SANTOS, J. A. N. dos; et al. **A agroindústria de alimentos de frutas e hortaliças no Nordeste e demais áreas de atuação do BNB: desempenho recente e possibilidades de políticas.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008. 324p. (Série documentos do Etene, n. 24).

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR - SECEX/MDIC. Base de dados. Disponível em: <<http://aliceweb.mdic.gov.br/consulta-ncm/index/type/exportacaoNcm>>. Acesso em: 08 de jul. 2017.

ANÁLISES DISPONÍVEIS

- [Infraestrutura de saneamento na região Nordeste](#)
- [Desempenho da apicultura nordestina em anos de estiagem](#)
- [Produção de grãos: grandes desafios do agricultor brasileiro](#)
- [Produtor de café no Brasil: mais agro e menos negócio](#)
- [Semiárido: Setores estratégicos e o déficit na produção de bens finais](#)
- [Retrato da Silvicultura na Área de Atuação do Banco do Nordeste](#)
- [Potencialidades da Energia Eólica no Nordeste](#)
- [Produção de algodão](#)
- [Indústria de bebidas alcoólicas](#)
- [Agroindústria sucroalcooleira](#)
- [Indústria da Construção Civil](#)
- [Indústria de Alimentos](#)
- [Situação da cajucultura nordestina](#)
- [Logística de armazenagem: Produtos químicos](#)
- [Perspectivas para o comércio 2016/2017](#)
- [A Indústria de vidros planos](#)
- [Panorama da piscicultura no Nordeste](#)
- [Bebidas não alcoólicas: refrigerantes](#)
- [Bebidas alcoólicas: cerveja](#)
- [Fruticultura: Comportamento recente da fruticultura nordestina](#)
- [Produção de grãos no Nordeste: de olho na china](#)
- [Indústria petroquímica](#)
- [Análise dos fluxos de comércio no semiárido](#)
- [Indústria de autopeças](#)
- [Produção nordestina de açúcar e álcool](#)
- [Agroindústria da carne no Nordeste](#)
- [Energia solar no Nordeste](#)
- [Carcinicultura no Nordeste: velhos desafios para a geração de emprego e renda](#)
- [Matriz de Insumo-Produto do Nordeste: demanda final doméstica](#)

PRÓXIMAS ANÁLISES

- Agroindústria do coco
- Shopping Center
- Bovinocultura leiteira
- Telecomunicações
- Rochas ornamentais
- Couros e curtumes
- Indústria têxtil e vestuário
- Comércio e Serviços